

LEONARDO MOTA NETO

ANC p2

31 MAI 1988

Justificar os cinco anos

CORREIO BRAZILIENSE

Tudo começou a beneficiar o presidente Sarney, de modo a inverter a tendência apocalíptica em que se viu enredado nos primeiros anos de seu governo. De fato, houve notável perda de tempo e energia da máquina federal, com a atribuição do poder decisório a dois ministros representantes do que São Paulo tem de mais confuso em seu estrato empresarial: os ministros Dilson Funaro e Bresser Pereira. Guindados ao poder por um voto de confiança das elites progressistas de São Paulo, os dois levaram o poder central a cometer equívocos e disparates, e se mostraram incompetentes na atuação federal. A chama da esquerda econômica do País, no caso, esteve entregue aos Srs. Funaro (Trol) e Bresser (Pão de Açúcar), devendo-se indagar de um e de outro, agora, se estão perpetrando os mesmos desatinos, em suas organizações privadas, que cometeram do comando da área econômica. Na Constituinte, a mesma facção é hoje bravamente representada pelo senador Severo Gomes e pelo deputado Fernando Gasparian, a quem devem ser argüidas suas respectivas vontades de estabelecer um plano competitivo, com concorrentes de seus setores empresariais, ou se preferem uma reserva de mercado do tipo BNDES, com todos os incentivos estatais.

O Presidente da República está livre desses cometimentos, agora que tem nos ministros Mailson da Nóbrega e João Batista

de Abreu dois contadores eficientes que não buscam o messianismo, ou as aulas de Joãozinho e Maria. Ambos só querem acertar; são funcionários públicos de carreira, e não empresários mitômanos. O Brasil que eles enxergam não é o dos bilhões, mas o dos centavos, economizados ao Fisco ou ao Tesouro. Por isso podem dar certo numa dimensão de escassez de recursos em que se situa o País de hoje. Já que a mitomania dos empresários paulistas não nos trouxe sequer a alegria das ilusões de êxito. O esgarçamento do PIB, a erosão das divisas, o aprofundamento do déficit, e a entrada do Brasil na contramão da história, a eles se devem.

A chance do Presidente reside agora em movimentar as forças dinâmicas da economia, aproveitando-se dos chamados fatores inerciais: a inflação começa a decrescer, um ponto ou dois por mês, o que já fornece um indicio alentador. A balança comercial tem reagido mês a mês, até mesmo numa conjuntura que não está ainda no melhor momento para as exportações. As safras terão recorde. Tudo concorre para estabilizar emocionalmente o País e preparar o caminho para um modelo econômico com regras definidas e claras. O tempo é pouco, mas a oportunidade é insuperável. Provavelmente, não venha outra igual até o final da década. A única dúvida é a autoridade numa transição: é preciso justificar os cinco anos.